

O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade

“O espírito tacanho, não raro, fossiliza-se nas suas ideias, que, geralmente, nem são suas – ao passo que o espírito largo evolui, progride, abandona opiniões antigas e menos exatas por outras, mais prováveis”. (Huberto Rohden)

Lemos o artigo que leva o título de “Espíritas negam a doutrina da Trindade”, extraída da série Apologética, editora ICP e publicado no site CACP, correspondente ao link no mesmo site (<http://www.cacp.org.br/espíritas-negam-a-doutrina-da-trindade/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação.

Percebemos que este tema é um tanto interessante, pois é um dos dogmas de maior dificuldade em se explicar a sua natureza que, inclusive, remonta outras crenças antigas, tais como os egípcios, os hindus e muitas outras, onde o cristianismo agregou aos seus dogmas e que iremos analisar daqui a diante. Vejamos, porquanto, a citação a obra de Leon Denis colocada pelo CACP e sua resposta em seguida.

Examinemos os principais dogmas e mistérios, cujo conjunto constitui o ensino das igrejas cristãs. Encontramos a sua exposição em todos os catecismos ortodoxos. Começa com essa estranha concepção do Ser divino, que se resolve no mistério da Trindade, um só Deus em três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa concepção trinitária tão obscura, incompreensível... (“Cristianismo e Espiritismo”, 7ª edição 1978, p. 86).

Resposta Apologética:

Definindo a doutrina da Trindade apontamos a existência de um só Deus eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Estas três pessoas constituem um só Deus, o mesmo em natureza, sendo as pessoas iguais em poder e glória.

Como sempre, percebemos que o CACP em parceria com o ICP, lança mão de pequenos trechos de obras espíritas, para darem maior credibilidade aos seus leitores no afã de tentar refutar seu conteúdo, pois se citarem todo o capítulo que essas obras dedicam suas análises mais aprofundadas, fatalmente seria muito mais difícil a sua refutação, mas não podemos deixar que isso aconteça, vamos citá-la em seu conteúdo integral sem mutilações pretenciosas da obra *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis. Vejamo-la:

Examinemos os principais dogmas e mistérios, cujo conjunto constitui o ensino das igrejas cristãs. Encontramos a sua exposição em todos os catecismos ortodoxos.

Começa com essa estranha concepção do Ser divino, que se resolve no mistério da Trindade, um só Deus em três pessoas, o pai, o filho e o espírito santo.

Jesus trouxera ao mundo uma noção da divindade, desconhecida ao Judaísmo. O Deus de Jesus já não é o déspota zeloso e parcial que protege Israel contra outros povos; é o Deus Pai de toda a Humanidade. Todas as nações, todos os homens, são seus filhos. É o Deus em quem tudo vive, move-se e respira, imanente em a Natureza e na consciência humana.

Para o mundo pagão, como para os judeus, essa noção de Deus encerrava toda uma revolução moral. A homens que a tudo haviam chegado a divinizar e a temer tudo o que haviam divinizado, a doutrina de Jesus revelava a existência de um só Deus, Criador e Pai, por quem todos os homens são irmãos e em cujo nome eles se devem afeição e assistência. Ela tornava possível a comunhão com esse Pai, pela união fraternal entre os membros da família humana. Franqueava a todos o caminho da perfeição pelo amor ao próximo e pela dedicação à Humanidade.

Essa doutrina, simples e grande ao mesmo tempo, devia elevar o espírito humano a alturas admiráveis, até o foco divino, cuja irradiação todo homem pode sentir dentro de si mesmo. Como essa ideia simples e pura, que podia regenerar o mundo, transformada ao ponto de se tornar irreconhecível?

É o resultado das paixões e dos interesses materiais que entraram em jogo no cristão, depois da morte de Jesus.

A noção da Trindade, colhida numa lenda hindu que era a expressão de um símbolo, veio obscurecer e desnaturar essa ideia de Deus. A inteligência humana podia elevar-se a essa concepção do Ser eterno, que abrange o Universo e dá a vida a todas as criaturas: não pode a si mesma explicar como três pessoas se unem para constituir um só Deus. A questão da consubstancialidade em nada elucida o problema. Em vão nos advertiriam que o homem não pode conhecer a natureza de Deus. Neste caso, não se trata dos atributos divinos mas da lei dos números e medidas, lei que tudo regula o Universo, mesmo as relações que ligam a razão humana à razão suprema das coisas.

Essa concepção trinitária, tão obscura, tão incompreensível, oferecia, entretanto, grande vantagem às pretensões da Igreja. Permitia fazer-lhe de Jesus Cristo um Deus. Conferia ao poderoso Espírito, a que ela chama seu fundador, um prestígio, uma autoridade, cujo esplendor sobre ela recaía e assegurava o seu poder. Nisso está o segredo da sua adoração pelo concílio de Nicéia. As discussões e perturbações que suscitou essa questão agitaram os espíritos durante

três séculos e só vieram a cessar com a proscrição dos bispos arianos, ordenada pelo imperador Constâncio, e o banimento do papa Líbero que recusava sancionar a decisão do Concílio.⁶²

A divindade de Jesus, rejeitada por três concílios, o mais importante dos quais foi o de Antioquia (269), foi, em 325, proclamada em Nicéia, nestes termos:

“A Igreja de Deus, Católica e Apostólica, anatematiza os que dizem que houve um tempo em que o filho não existia, ou que não existia antes de haver sido gerado.”

Essa declaração está em contradição formal com as opiniões dos apóstolos. Ao passo que todos acreditavam o Filho criado pelo Pai, os bispos do século IV proclamavam o Filho igual ao Pai, “*eterno como ele, gerado e não criado*”, opondo assim um desmentido ao próprio Cristo, que dizia e repetia “*meu Pai é maior do que eu*”.

Para justificar essa afirmação, apoia-se a igrejas em certas palavras do Cristo, que, se exatas, foram mal compreendidas, mal interpretadas. Em João 10:33, por exemplo, se diz: “*Nós te apedreamos porque, sendo homem, te fazes Deus a ti mesmo.*”

A resposta de Jesus destrói essa acusação e revela o seu pensamento íntimo: “*Não está escrito em vossa lei: - Eu disse, vós sois deuses?*” (João, 10:34).⁶³

Todos sabem que os antigos, latinos e orientais, chamavam a deuses a todos quantos, por qualquer motivo, se tornavam superiores ao comum dos homens.⁶⁴

O Cristo preferia a essa qualificação abusiva a de filho de Deus para designar os que investigavam e observavam os divinos ensinamentos. É o que ele expõe no versículo seguinte:

“*Bem aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.*” (Mateus, 5:9).

Os apóstolos atribuíam o mesmo sentido a essa expressão: “*Todos os que são levados pelo Espírito de Deus, esses tais são filhos de Deus.*” (Paulo, Epístola aos Romanos, 8:14)

Jesus o confirma em muitas circunstâncias: “*A mim, a quem o pai santificou e enviou ao mundo, porque dizeis vós, ‘Tu Blasfemas’, por eu ter dito que sou filho de Deus?*” (João, 10:35)⁶⁵

“*A um israelita redargui: Por que me chamais bom? Ninguém é bom senão Deus, unicamente.*” (Lucas, 18:19).

- “*Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Não busco a minha vontade, mas a vontade d’aquele que me enviou.*” (João, 5:30).

As seguintes palavras são ainda mais explícitas:

“*Procurais tirar-me a vida, a mim que sou um homem, que vos tenho dito a verdade que de Deus ouvi.*” (João, 8:40).

“*Se me amásseis, certamente havíeis de folgar que eu vá para o Pai, porque o Pai é maior do que eu.*” (João, 14,28).

“Jesus diz a Madalena: vai a meus irmãos e dize-lhes que eu vou para o meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.” (João, 20,17).

Assim, longe de externar a ideia sacrílega de que era Deus, em todas as circunstâncias Jesus fala do Ser infinito como a criatura deve falar do Criador, ou ainda como um subordinado deve falar do seu senhor. [...]

⁶², Ver quanto às particularidades desses fatos, E. Bellemare, *Espírita e Cristão*, pág. 212.

⁶³ Essas palavras se referem a seguinte passagem do Salmo 82:6 “Eu disse: vós sois deuses e todos filhos do Excelso.”

“Se ela chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida.” (João, 10:35).

⁶⁴ Ver nota complementar nº 8.

⁶⁵ Se, em sua linguagem parabólica, Jesus algumas vezes se denominava filho de Deus, com muito mais frequência se designava *filho do homem*. Esta expressão se encontra setenta e sei vezes nos Evangelhos. (DENIS, L.; *Cristianismo e Espiritismo*; pág. 89-93, grifo nosso)

Após a citação completa do capítulo VI que Léon Denis dedica suas análises acerca da *Alteração do Cristianismo*. Os dogmas, em sua obra *Cristianismo e Espiritismo*, onde percebemos que a montagem realizada pelo ICP em parceria com o CACP foi bem elaborada, com o único objetivo de levar os leitores a impressões duvidosas acerca da herança do cristianismo da crença no dogma da trindade, assim como em outras culturas, como do hinduísmo Brahma sendo o pai, Shiva a mãe e Vishnu o filho, citado por Léon Denis, mas que ao lançarmos mão de todo o conteúdo mutilado, é que entendemos que seria muito mais problemático ao ICP e CACP a refutação. Ainda outras crenças possuem o dogma da trindade, tais como os Cátrias na antiga Suméria, os Órficos na Grécia como também nos mistérios de Elêusis, na antiga Canaã, no Egito antigo, na antiga Pérsia com o Zoroatrismo, dentre outras. Devido a isso, compreendemos a mutilação, mas não deixaremos passar despercebido ao leitor atento. Contudo, passemos adiante nas análises do ICP e CACP:



Tal definição pode ser explanada e biblicamente provada seguindo três fatos:

a) Existe um só Deus (Dt 6.4; Is 43.10; 45.5-6). Trata-se de unidade composta como se lê em Gn 2.24 (serão dois uma só carne).

b) Esse único Deus é constituído de uma pluralidade de pessoas (Gn 1.26; 3.22; 11.7; Is 6.1-3,8), textos que empregam o verbo façamos, o pronome nossa e nós.

No primeiro ponto abordado aclama-se um Deus único, conforme lemos em Dt 6,4; Is 43,10; 45,5-6, mas uma unidade composta como justificativa em Gn 2,24 que se trata de uma só carne entre o homem e a mulher, criação do Eterno. Esta argumentação já se torna frágil para a sustentação do dogma da trindade, pois em

nada há de apoio na crença ortodoxa judaica em uma trindade criada por católicos romanos. Buscar evidência na Torá e no Tanah da trindade é como se tentar achar “chifre em cabeça de cavalo”. Não há evidência no judaísmo que corrobore a defesa do CACP da trindade, de acordo com o que foi abordada no item correspondente a letra “a”.

Passando adiante, no item “b”, vemos a intenção de ainda encontrar base para a trindade na Torá e no Tanah, mas vamos examinar e averiguar o que está sendo proposto pelo CACP. Vejamos a citação no livro do Gênesis.

Gn 1,26: E disse Deus: “**Façamos** homem à nossa imagem segundo a nossa semelhança; e que domine sobre o peixe do mar e sobre a ave dos céus, e sobre o quadrúpede e em toda a terra, e em todo réptil que se arrasta na terra!”

26. Façamos o homem – Antigamente, era de costume entre os reis e grandes personalidades empregar o plural “majestático” ao falar de si mesmos (vide 2 Samuel 24:14); o Midrash (*Bereshit Rabá* 8), porém, **comenta que Deus se aconselhou com os anjos sobre a conveniência de criar o homem ou não.** (TORÁ, p. 3, grifo nosso)

Vejamos agora a nota explicativa da Bíblia de Jerusalém, acerca dessa mesma passagem da Torá.

Não parece ser um plural majestático e não se aplica também pelo simples fato que o nome Elohim é um plural quanto à forma, pois ele é usado quase sempre como nome próprio do verdadeiro Deus e acompanhado normalmente de um verbo singular. **Embora seja raro em hebraico, parece que temos aqui um plural deliberativo: quando Deus, como em 11,7, ou não importa qual outra pessoa, fala consigo mesmo, a gramática hebraica para aconselhar o emprego do plural.** O grego (segundo a Vulg.) do Sl 8,6, retomando em Hb 1,7, compreendeu este texto como a deliberação de Deus com sua corte celeste (cf. Is 6), com os anjos. **E este plural era uma porta aberta para a interpretação dos Padres da Igreja, que viram já sugerido aqui o mistério da Trindade.** (Bíblia de Jerusalém, p. 34) (grifo nosso)

Percebemos que em nota de rodapé, os sábios judeus não creem na trindade e nem compactuam com ela na Torá, pois não existe, contudo, ao verificamos a tradução católica romana, percebemos que os pais da igreja se aproveitaram de um plural majestático de ‘elohim’ para darem o sabor trinitário a uma crença que teve seu momento de inserção no cristianismo por volta do século II e IV de nossa era, após diversos e longos concílios. Com isso, continuemos a análise da Torá e da Tanah.

Gn 3,22: E disse o Eterno Deus: “Eis que o homem se tem tornado como um de Nós, para saber o bem e o mal. E agora quiçá ele estenda a sua mão e tome também da árvore da vida e coma, e viva para sempre.” (TORÁ, p. 9)

Gn 11,7: Vinde, desçamos e confundamos ali sua língua, para que não entenda cada um a linguagem de seu companheiro.

7. Vinde, desçamos – O plural, empregado aqui como no capítulo 1:26, expressa a majestade de Deus. Os reis da Antiguidade eram tratados igualmente no **plural majestático** (Vide Esdras 4:18) (TORÁ, p. 26, grifo nosso)

Is 6,1-3: No ano do falecimento do rei Uziáhu, vi o Eterno sentado num trono elevado e resplandecente, e Seu manto preenchia todo o templo. Acima, (para atende-lo,) se postavam serafins. Cada um tinha seis asas: com duas encobriam sua face, com duas seus pés, e com outras duas voavam. E cada um se voltava para outro e proclamava: 'Santo, Santo, Santo é o Eterno dos Exércitos; Sua glória envolve o mundo inteiro'. (TANAH, p. 401)

Is 6,8: Ouvi a voz do Eterno, dizendo: A quem enviarei, quem há de ir por nós? – e eu exclamei: 'Aqui estou. Envia a mim!'. (TANAH, p. 401)

Como podemos observar, tanto na Torá quanto no Tanah não há respaldo para a teoria da trindade, já que os judeus ortodoxos não tem esta concepção e tinham no Eterno a ideia do Deus único, o mesmo pregado por Jesus. Ademais. Quando se trata do plural majestático de 'elohim', para falar de si mesmos, ora em confabulação, pelo Eterno, com os anjos sobre a criação. Em nada há respaldo para a crença na trindade. Acerca da passagem de Isaías, iremos analisa-las no próximo tópico, pois julgamos que há outras passagens correlatas. Passemos, porquanto adiante em nossa argumentação.

Isto pode ser visto ainda pela seguinte comparação entre as seguintes passagens:

1. Em Isaías 6.1-3, quando Isaías disse que viu o Senhor;
2. Em Jo 12.37-41, João disse que Isaías viu Jesus, quando viu o Senhor;
3. Em Is 6.8-9, se lê que o Senhor falou a Isaías. Ainda no versículo 8 se lê: A quem enviarei e quem irá por nós?
4. Em At 28.25, Paulo declara que quem falou a Isaías foi o Espírito Santo.

No primeiro ponto citado acerca de Is 6,1-3, já esclarecemos anteriormente que não há base de sustentação para o dogma da trindade dentro do judaísmo. Já em Jo 12,37-41, vejamos a citação:

Jo 12,37-41: Apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não creram nele, a fim de se cumprir a palavra dita pelo profeta Isaías: *Senhor, quem creu em nossa palavra? E o braço do Senhor; a quem foi revelado?* Não podiam crer, porque disse ainda Isaías: *Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que seus olhos não vejam, seu coração não compreenda e não se convertam e eu não os cure.* Isaías disse essas palavras, porque contemplou a sua glória^a e falou a respeito dele. (Bíblia de Jerusalém, p. 1876)

Antes de adentrarmos na análise das profecias, vejamos o que diz a Bíblia de Jerusalém em nota:

a) “porque contemplou”: var: “quando contemplou”. – Alusão a visão de Isaías no Templo (Is 6,1-4+), interpretada como uma visão profética da glória de Cristo (cf. 8,56+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1876)

Buscamos a exegese na Tanah com as passagens de Is 53,1 e 6,10, como diz o apóstolo João em seu Evangelho. Vejamos:

Is 53,1: Quem teria acreditado no que nós (as nações) ouvimos, e para quem foi revelada a ação do Eterno? (TANAH, p. 439)

Is 6,10: Embota o coração deste povo, ensurdece seus ouvidos e cerra seus olhos para que, ao enxergar com os olhos, escutar com os ouvidos e compreender com o coração, não se arrependa e seja curado. (TANAH, p. 401)

Dessa forma, após irmos até a Tanah e averiguar a citação em Isaías, em nada apoia a ideia do dogma da trindade, antes, porém, exprime à visão profética de Isaías da glória de Jesus no Templo de Salomão, o que de fato a Doutrina Espírita não nega, antes esclarece que Jesus percorreu os diversos degraus das reencarnações até a superioridade de seu espírito, antes mesmo da formação do orbe terrestre.

Já no texto de Isaías que viu a glória de quem? Esta será a resposta que iremos dar após as nossas análises ao texto em referido Is 6,8-10 já citado na Tanah, bem como em Jo 12,37-41 e At 28 que têm sido utilizados pelo CACP em afirmar que o Eterno tem três personalidades distintas, tais como o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Contudo, iremos investigar os textos mais a fundo e ver se eles dão suporte a tese da trindade, juntamente com o seu contexto. O profeta Isaías é descrito nesses versos do capítulo 6 como o agente do Eterno, quando responde a pergunta: “*A quem enviarei, quem há de ir por nós?*” (Is 6,8). As ações de Isaías provocaram no povo de Israel, de acordo com o verso 10, o ‘enbotar’ do coração, ou seja, o serem pesados de ouvidos e terem seus olhos cerrados.

Contudo, vamos voltar agora ao texto de Jo 12,38 que é a porção que é utilizada como se o messias Jesus em pé de igualdade ao Eterno, segundo interpreta o CACP: “a fim de se cumprir a palavra dita pelo profeta Isaías: *Senhor, quem creu em nossa palavra? E o braço do Senhor; a quem foi revelado?*” Ao examinarmos a primeira ocorrência para quem leu Is 6,8-10, verá que esse verso de João 12, não está em nenhum versículo citado deste capítulo de Isaías e certamente não está pelo simples fato de ser a citação correspondente ao capítulo 53 do mesmo profeta Isaías. A redação desse verso é deveras importante quando assevera: “**Senhor, quem creu em nossa palavra?**”, pois por aí dá para se notar que é uma exclamação dirigida ao Eterno e não o próprio Jesus falando. Com isso, João ao citar esta passagem, reconhece essa distinção de forma bem óbvia. Com este esclarecimento é que o texto de João segue e cita o trecho de Isaías 6: “*Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que seus olhos não vejam, seu coração não compreenda e não se convertam e eu não os cure.*” (Jo 12,40). Com esta passagem, fica claro e cristalino que o que representa aquele que faz a pergunta “*Senhor, quem creu em nossa palavra?*” é aquele cujos efeitos da pregação revela os corações endurecidos e olhos cerrados, mas nenhum desses dois versículos escritos em Isaías e mencionados por João dão a entender aos leitores que o Eterno seja Jesus; muito pelo contrário já que em Is 6 fala-se daquele que é o enviado do Eterno e Is 53 está descrito aquele que leva a pregação do Eterno. Em ambas as passagens se menciona um mensageiro do Eterno, ou seja, nos dois casos se fala de mais de um personagem, sendo eles o Eterno e outro que é Jesus enviado, segundo o midrash de João ao relatar uma

passagem em que é citado o Tanah para exprimir um ensinamento no Evangelho. A interpretação trinitária ignora essa evidência dos fatos com a percepção do verso, quando a sua compreensão fica deveras incompreensível e tenta transmitir uma ideia que o texto não diz, mas a vontade do CACP é maior do que o real sentido do texto pode oferecer.

Nota-se de forma cristalina que o trecho de João 12 utilizado pelo CACP como detentor do mistério da trindade, então, ao demonstrar as duas citações de Isaías, fala, indubitavelmente, de dois personagens nas duas citações, não apenas de um personagem como alega o CACP. Não é citado apenas o Eterno, mas também aquele que seria seu mensageiro; o responsável por levar sua palavra. O verso 40 ao dizer “*Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração,...*”, não está falando de uma ação direta do Eterno, na verdade fala do resultado da ação de Seu enviado que estaria encarregado de levar sua palavra, já que em Isaías fala desse mensageiro como alguém que “*Embota o coração deste povo, ensurdece seus ouvidos e cerra seus olhos...*”. Quem nos dias da revelação do Evangelho desempenhou esse papel? E Jesus também nos demonstra tal evidência: “*Jesus respondeu: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.*” (Mt 15,24)

Após nossas análises, surge então o verso 41 de João 12: “*Isaías disse essas palavras, porque contemplou a sua glória^a e falou a respeito dele.*”, cuja leitura apressada desfaz esse cenário que se fala de dois, como se o próprio Isaías fosse apenas um personagem passivo naquela narrativa. Mas, é apenas a leitura despreparada do CACP que fará destoar o verso de seu contexto. Percebamos que Jesus mesmo diz com suas próprias palavras: “*Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um.*” (Jo 17,22). Então a expressão “*viu sua glória*” não força uma co-identidade. A unidade decorre do compartilhamento da glória, e a glória de um é a de todos com quem foi compartilhada, tal como com os apóstolos. Se a glória que Jesus provinha do Pai, então a glória que se vê do Pai é também a glória que se vê no Filho, porque não existem duas glórias, mas uma única fonte de glória e, conforme Jesus disse, é o Pai. Consideremos, então, o contexto bíblico e indaguemos: Será que o texto de João está falando do Trono, dos Querubins e daquele que estava assentado no Trono? Ou está falando clara e objetivamente do outro personagem envolvido em Isaías, o responsável pela pregação e que é aquele que pergunta: “*... Quem deu crédito a nossa pregação?...*” e cuja pregação “*Embota o coração deste povo, ensurdece seus ouvidos e cerra seus olhos para que, ao enxergar com os olhos, escutar com os ouvidos e compreender com o coração, não se arrependa e seja curado*”. Então, cabe a pergunta: Se João quisesse dizer que Jesus fosse o Eterno que estava assentado no Trono, então, quem era o outro personagem refletido como anunciador e a quem o restante do contexto faz referência? Esta pergunta será um tanto quanto desconfortável para que o CACP possa responder.

A simples expressão “falou dele”, certamente recai sobre quem anuncia as boas novas, que indubitavelmente é o agente descrito no Evangelho de João nesses versos e é justamente aquele que leva as palavras do Eterno, conforme descrito em Isaías. É comum dentro do contexto profético o profeta predizer o fato futuro e facilmente ser associado como sendo ele mesmo o personagem da profecia, mas como entendemos ser somente o seu anunciador; isso é visto nesse caso e confirmado em At 8,34, onde mais uma vez cita-se Isaías: “*Dirigindo-se a Filipe, disse o eunuco: Eu te pergunto, de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de outro?*” Felipe ao revelar que ali se falava de outro, não do profeta, mostra que o anunciador das boas novas apontava para Cristo e portanto distinto, não somente numericamente, tanto daquele profeta quanto distinto do Eterno que o enviou, não restando sombras de interpretação para uma sequer trindade na citação em João 12.

Nesse mesmo contexto de Jo 12, nos versos 44 e 45, mais uma vez Jesus de forma clara e taxativa se admite como o representante do Pai, o Eterno: “*Jesus clamou:^b Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas em quem me enviou, e quem me vê, vê aquele que me enviou.*” Aqui ao falar de dois, do que envia e do que é enviado, a exemplo dos dois versos de Isaías que fala exatamente de enviar alguém e fala desse alguém, Jesus mostra que os dois não são o mesmo. O Eterno o enviou, assim como está claro no livro de Isaías.

Existe um grande problema para o CACP em defender a linha de raciocínio que quer ver nos versos discutidos até o momento como uma identificação de Pai, Filho e Espírito como sendo eles mesmo o Eterno. É justamente a intervenção humana nas interpretações, pois na completa ausência de Jesus se identificando como sendo o Eterno, os homens forçam compreensões para suprir esse abismo. Jesus falou muitas coisas. Ainda podemos dizer que as palavras de Jesus compõem um bom volume do conteúdo escrito no Novo Testamento, mas em absolutamente lugar algum das Escrituras encontramos ele dizendo ser um ente plural com e ao mesmo tempo sendo o Eterno, pelo contrário, ele diz: “**Não vim de mim mesmo**” (Jo 8,42). Então, já que Jesus se negou a dizer ser aquilo que ele não é, temos que crer que a intenção do CACP é bem maior do que os textos podem oferecer para embasamento da ideia da trindade. Este processo coloca Jesus ainda nos dias de Isaías já com a glória, vejamos:

Jo 17,5: E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti^f, antes que o mundo existisse.⁹

f) Var.: “a glória que existiu junto de ti”; ou: “a glória da qual eu existo”; ou: “a glória junto de ti”.

g) A glória que Jesus possuía, em sua preexistência divina ou a glória que o Pai lhe reserva, desde toda a eternidade (1,14+) (Bíblia de Jerusalém, p. 1886)

Acerca do item três abordado em Is 6,8-9 também já analisado em nada oferece base de sustentação para o dogma da trindade. Contudo, ainda é citado o item quatro com a passagem em Atos, vejamos:

At 28,25-28: Estando assim discordantes entre si, eles se despediram, enquanto Paulo dizia uma só palavra:^d “Bem falou o falou o Espírito Santo a vossos pais, por meio do profeta Isaías, quando disse: *Vai ter com este povo e dize-lhe: em vão escutareis, pois não compreenderéis; em vão olhareis, pois não vereis. É que o coração deste povo se endureceu: eles taparam os ouvidos e vendaram os olhos, para não verem com os olhos nem ouvirem com os ouvidos, nem entenderem com o coração, para que não se convertam, e eu não os cure!* Ficai, pois, cientes: aos gentios é enviada esta salvação de Deus. E eles a ouvirão”.^e

d) Esta declaração, paralela à que se segue o discurso de Antioquia (13,46-47), constitui a conclusão dos Atos e lhes dá o fio condutor (cf. 13,41+). Evoca também as perspectivas abertas no fim do discurso de Jesus de Nazaré (Lc 4,23-27) e pelas últimas palavras aos apóstolos (Lc 24,47). O texto de Is 6,9-10 (LXX) aparece igualmente em Mt 13,14-15 (cf. Mc 4,12p) e praticamente em Jo 12,40. O tema e o texto são muito familiares ao cristianismo primitivo.

e) O texto oc. (seguido pela recensão antioquiana) acrescenta o v. 29: “Tendo ele dito isto, os judeus foram-se, discutindo vivamente entre si”. (Bíblia de Jerusalém, p. 1953)

Entendemos que um espírito santo falava através do profeta Isaías, como Paulo cita em Atos, como que um mensageiro leva a mensagem de seu Criador, o Eterno. O que Paulo acabara de fazer neste episódio é um *Midrash* que consiste em citar uma história, neste caso narrada no Tanah, e lhe atribuir um ensinamento no presente. Não há, porquanto, o sustentáculo do dogma da trindade nestas passagens, tais como o Eterno que para os judeus é único e para a Igreja Católica Romana, três pessoas sejam uma, dando a origem ao dogma da trindade. Passemos, portanto, ao próximo item da argumentação do ICP em parceria com o CACP:

a) Há três Pessoas na Bíblia que são chamadas de Deus e que são eternas por natureza:

1. O Pai (2 Pe 1.17);

2. O Filho (Jo 1.1; 20.28; Rm 9.5; Hb 1.8)

3. O Espírito Santo (At 5.3-4).

O vocábulo Trindade foi usado pela primeira vez por Teófilo de Antioquia em 189 a.D. (no livro “Epístola a Autolytus” 2.15).

Extraído da Série Apologética, Editora ICP

No primeiro ponto é abordado o Pai em 2 Pe 1,17; no segundo o filho em Jo 1,1; 20,28; Rm 9,5; Hb 1,8 e o terceiro com o Espírito Santo em At 5,3-4. Vejamos as citações para após elas, nossos comentários:

2 Pe 1,17: Pois ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando do uma voz vinda da sua Glória lhe disse:° Este é o meu Filho muito amado, em quem me comprazo.

c) “da sua Glória lhe disse”: var.: “do seio da glória... lhe veio”. (Bíblia de Jerusalém, p. 2121)

À exemplo da passagem de 2 Pe 1,17 e da de 2 Pe 1,1 que como no grego koine não há a separação silábica, da mesma forma não há inferência de um Deus Pai. Este é mais um dos versos, a exemplo de Tt 2,13, que tentam buscar como comprovação da suposta deidade de Jesus. Traduções com redações semelhantes tem sido usadas com esse fim, contudo é importante dizer que não existe unanimidade na tradução do versículo. Por exemplo, a versão católica da Bíblia Sagrada da Editora Ave Maria traduziu: “*Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, àqueles que, pela justiça do **nosso Deus e do Salvador Jesus Cristo**, alcançaram por partilha uma fé tão preciosa como a nossa*”. Reconhecendo Deus e o Salvador como seres distintos. Mesmo a Bíblia de Jerusalém que é uma tradução feita por católicos e protestantes, ainda que vertendo o trecho de forma tradicional, informa como primeira nota de rodapé a 2 Pe 1,1 a versão alternativa de tradução: “*Ou: ‘de nosso Deus e do Salvador Jesus Cristo’*”. Mostrando ser possível as duas versões. ^[2]

Passemos porquanto à passagem que dá mais polêmica do fato da exposição de Jesus como sendo o Eterno. Vejamos:

João 1,1: No princípio era o Verbo^a, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.

a) Cf. Gn 1,1. Em 1,1-5, o evangelista retoma um hino mais antigo que reproduz o relato da criação em Gn 1,1-31, escandido pelos verbos: “Deus disse... e assim se fez”: Deus criou o mundo por seu Verbo, isto é, por sua palavra (Sl 33,6-9; Sb 9,1; Eclo 42,15), especialmente a luz oposta às trevas (Gn 1,18), os seres vivos (Gn 1,20-25), e o homem (Gn 1,26-27). É possível que os vv. 1c-2, enquadrados pela retomada redacional “com Deus... com Deus” e que quebram o ritmo binário do trecho, tenha sido acrescentados pelo evangelista para afirmar a divindade de Cristo, Verbo encarnado (cf. 8,24+; 20,29; 1Jo 5,20. Em 1,9-18, o tema da Palavra criadora se desenvolve em harmonia com Is 55,10-11: enviado por Deus (1,9-11; 4-34+), no mundo (1,9+, para fecundá-lo (1,12+), revelando nele a “verdade” (8,32+), ela retorna a Deus após ter cumprido sua missão (1,18; 13,3; 16,28). Presença junto de Deus, papel da criação, envio ao mundo para aí ensinar a humanidade, este conjunto de temas concernem tanto à Sabedoria quanto à Palavra (Pr 8,22-36+; Eclo 24,3-32, Sb 9,9-12). No NT, cabia a João, graças ao fato da Encarnação (1,14+), expor a natureza pessoal dessa Palavra (Sabedoria) subsistente e eterna. (Bíblia de Jerusalém, p. 1842).

Nesta passagem de Jo 1,1 usa a palavra θεός (Theos) na forma predicativa, permitindo concluirmos a origem divina do Logos, mas não como sendo O Deus Eterno, de modo que o texto seria melhor entendido como: “O Verbo era divino” [2]. Sobre esta passagem registrada no primeiro capítulo do Evangelho de João, Kardec nos traz o esclarecimento:

VIII. O Verbo se fez carne

"No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. – Ele estava no começo com Deus. – Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que fez não fez sem ele. – Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; – E a luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

"Houve um homem enviado de Deus que se chamava João. – Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho à luz, a fim de que todos cressem por ele. – Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

"Aquela era a verdadeira luz que clareia todo homem vindo neste mundo. – Ele estava no mundo e o mundo nada fez por ele, e o mundo não o conheceu. – Ele veio aos seus e os seus não o receberam. – Mas deu a todos aqueles que o receberam o poder de serem feitos filhos de Deus, àqueles que creram em seu nome, que não são nascidos do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e vimos a sua glória, sua glória tal quanto o Filho único deveria recebê-la do Pai; ele, digo eu, habitou entre nós, cheio de graça e de verdade." (João, cap. 1º, v. de 1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma idéia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também aquela sobre a qual se estabeleceu, mais tarde, a controvérsia a este respeito. Essa questão da divindade de Jesus não chegou senão gradualmente; nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações dadas, por alguns, às palavras *Verbo* e *Filho*. Não foi senão no quarto século que ela foi adotada, em princípio, por uma parte da Igreja. Esse dogma é, pois, o resultado de uma decisão dos homens e não de uma revelação divina.

Há de início a notar que, as palavras que citamos mais acima, são de João, e não de Jesus, e que, admitindo que não hajam sido alteradas, não exprimem, em realidade, senão uma opinião pessoal, uma indução onde se encontra o misticismo habitual de sua linguagem; elas não poderiam, pois, prevalecer contra as afirmações reiteradas do próprio Jesus.

Mas, aceitando-as tais quais são, elas não resolvem de nenhum modo a questão no sentido da divindade, porque se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o *Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Tendo Jesus recebido essa palavra diretamente de Deus, com a missão de revelá-la aos homens, assimilou-a; a palavra divina, da qual estava penetrado, se encarnou nele; trouxe-a ao nascer, e foi com razão que Jesus pôde dizer: *O Verbo se fez carne, e habitou entre nós*. Jesus pode, pois, estar encarregado de transmitir a palavra de Deus sem ser Deus, ele mesmo, como um embaixador transmite as palavras de seu soberano, sem ser o soberano. Segundo o dogma da divindade, é Deus que fala; na outra hipótese, ele fala pela boca de seu enviado, o que não rouba nada à autoridade de suas palavras.

Mas quem autoriza essa suposição antes do que outra? A única autoridade competente para decidir a questão são as próprias palavras de Jesus, quando disse: *"Eu nunca falei de mim mesmo, mas aquele que me enviou me prescreveu, por seu mandamento o que devo dizer; - minha doutrina não é a minha doutrina, mas a doutrina daquele que me enviou, a palavra que ouvistes não é, minha palavra, mas a de meu Pai que me enviou."* É impossível exprimir-se com mais clareza e precisão.

A qualidade de *Messias* ou *enviado*, que lhe é dada em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; aquele que obedece não pode estar igual àquele que manda. João caracteriza essa posição secundária, e, por consequência, estabelece a dualidade das pessoas quando disse: *E vimos a sua glória, tal quanto "o Filho único deveria receber do Pai"*; porque aquele que recebe não pode ser igual àquele que dá, e aquele que dá a glória não pode ser igual àquele que a recebe. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém; se Deus e Jesus são um único ser sob dois nomes diferentes, não poderia existir entre eles nem supremacia, nem subordinação; desde então, que não há paridade absoluta de posição, é que são dois seres distintos.

A qualificação de *Messias divino* não implica a igualdade entre o mandatário e o mandante, como a do *enviado real* entre um rei e seu representante.

Jesus era um messias divino pelo duplo motivo que tinha a sua missão de Deus, e que as suas perfeições o colocavam em relação direta com Deus. (KARDEC, A. *Obras Póstumas*, Capítulo VIII)

Passemos agora a outra passagem que o CACP advoga como sendo mais uma das afirmações de que Jesus é Deus. Vejamo-la:

Jo 20,28: Respondeu-lhe Tomé: "Meu Senhor e meu Deus!" (Bíblia de Jerusalém, p. 1893)

Já na passagem de Jo 20,27-28 com certeza, o cerne desta desses versos vem a ser sobre a expressão "*meu Senhor e meu Deus*" (ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου). Ao examinarmos a passagem que parece aludir a trindade, identificando Jesus como Deus, na questão em lide, é sabermos se Tomé estava identificando quem era o que estava diante dele, ou se dirigindo a Jesus com admiração ou até mesmo espanto pelo

que via ser possível acontecer pelo poder de Deus, e não que Jesus fosse realmente o Eterno. Alguns eruditos, aludem ao fato de o apóstolo João não haver registrado a forma vocativa do grego em Jo 20,28, sendo como algo que era de se esperar se fosse intenção a real intenção de Tomé direcionar aquelas palavras exatamente a pessoa de Jesus como sendo o próprio Eterno. Isto tem feito ao CACP e muitos que creem no dogma da trindade reivindicarem a existência do vocativo com caso nominativo (fato que poderia acontecer no grego koiné) para esse versículo em que estamos examinando, contudo o vocativo possa se servir de nominativo, deve-se destacar que o nominativo “o κύριος” (ho kyrios), como vocativo articular é o tipo de exceção que não se manifesta em lugar algum do evangelho de João, nem antes, nem depois da ressurreição de Jesus. Sempre que alguém se dirige a Cristo o chamando de Senhor usa “κύριε” (kyrie), o vocativo, nunca o nominativo “κύριος” (kyrios). O nominativo da palavra “Senhor”, indicando Jesus, mas não se dirigindo a ele ocorre em cinco lugares nesse evangelho, são elas: Jo 4,1; 13,13-14; 21,7-12. Todas as outras ocorrências da palavra “Senhor” quando alguém se dirige a Jesus no evangelho de João é usado o vocativo, expresso como tal: κύριε. Assim, era de se esperar que, se fosse intenção de Tomé dirigir a palavra a Jesus, referindo-se a ele, dizer-lhe, então: “κύριε μου”, seguindo o padrão de registro de como se dirigir ao Senhor Jesus. Isso, por se só já deveria nos fazer refletir sobre as reais intenções de Tomé. No entanto, poderá se reivindicar justamente a questão do uso vocativo com nominativo grego para descaracterizar essa reflexão (embora que João seja uniforme em seu evangelho em todas as 29 ocorrências da palavra “Senhor” no vocativo se dirigindo a Jesus) e dizer que Tomé estava se referindo, de fato, a Cristo em Jo 20,28, mas vale ressaltar que mesmo que Tomé houvesse usado o vocativo no caso nominativo este refere-se ao seu Deus, O Eterno, O Pai, e não a Jesus, que voltara a vida por aqueles dias.^[2]

Tomé ao dizer “*Senhor meu e Deus meu*” usa ou cita uma expressão muito parecida com a do Sl 35,23 “*Desperta e acorda para o meu julgamento, para a minha causa, Deus meu e Senhor meu*”. O Salmo está inserido em um contexto de perseguição e acusações. Tomé havia passado oito dias dizendo não acreditar na afirmação dos apóstolos (Jo 20,26), por não ter visto o mestre e procurar as provas materiais de sua ressurreição, certamente deve ter temido ser acusado pelos demais discípulos depois da prova da ressurreição estar ali diante dele. Muitos procuram descaracterizar essa verdade alegando que essa afirmação de Tomé seria blasfema se fosse uma citação não dirigida ao próprio Jesus, pois no entender deles estaria usando, citando o nome do Eterno em vão. Existe ainda a alegação de que Tomé deveria está habituado com as teofanias do Eterno nas Escrituras portanto acharia normal Deus estar ali diante dele e estaria, por conta disso dirigindo as palavras a Jesus sendo o próprio Eterno, mas essa é uma análise incompleta dos fatos. Como já vimos Tomé não precisava, forçosamente, direcionar as palavras a Cristo, os Salmos nos ajudam nesse entendimento e é difícil defender que as teofanias de Deus no passado tenha convencido Tomé que Jesus fosse o próprio Deus, pois as teofanias são manifestações temporárias de Deus através de algo ou alguém, e essa descrição de teofania não se encaixa na pessoa de Jesus Cristo, que tinha uma mãe conhecida por todos, além de irmãos e irmãs, e um pai. Forçosamente o CACP tenta passar a ideia de uma manifestação da trindade diante da identificação de Tomé que não há amparo na gramática e nem na interpretação dos fatos ^[2]

Admitir que Tomé tenha visto, aquele que morreu e ressuscitou, e o reconhecido como sendo o Eterno vai de encontro com a passagem, no entendimento de Paulo, registrado em 1 Tm 6,16 que diz: “***Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver....*** Se levantarmos a questão coloquial, há ainda o fato de que na antiga escrita grega não

existia pontuação, o que não permitiu registrar a entonação da frase de Tomé. Isso poderia dar também a real dimensão do que nos disse o apóstolo, mas como não sabemos como ele entonou é preferível ficar com a contextualização bíblica que por si só já dá informações suficientes para se compreender perfeitamente as palavras de Tomé. João fecha a questão, no mesmo capítulo, de forma muito clara em 20,31 “Estes, porém, foram escritos para que creiais que **Jesus é o Cristo**, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” ou seja, o que ele escreveu não foi para que creiamos que Jesus é Deus, mas “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”.^[2]

Rm 9,5: aos quais pertenceram os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos!^e Amém.

e) O contexto e o próprio movimento da frase supõem que a doxologia se refere a Cristo. Se raramente Paulo atribuiu o título de “Deus” (cf. ainda Tt 2,13) e lhe dirige uma doxologia (cf. Hb 13,21), é porque ordinariamente reserva esse título ao Pai (cf. Rm 15,6 etc) e encara as pessoas divinas menos no plano abstrato de sua natureza do que no plano concreto de suas funções na obra da salvação. Ademais, pensa sempre no Cristo histórico, na sua realidade concreta de Deus feito homem (cf. Fl 2,5+; Cl 1,15+). É por isso que o mostra subordinado ao Pai (1Cor 3,23; 11,3), tanto na obra da criação (1Cor 8,6), quanto na restauração escatológica (1Cor 15,27s; cf. Rm 16,27 etc.). Entretanto, o título de *Kyrios*, que Cristo recebeu na ressurreição (Fl 2,9-11; cf. Ef 1,20-22; Hb 1,3s), não é nada menos que o título divino atribuído a Iahweh no AT (Rm 10,9 e 13; 1Cor 2,16). Para Paulo, Jesus é essencialmente o “Filho de Deus” (Rm 1,3s.9; 5,10; 8,29; 1Cor 1,9; 15,28; 2Cor 1,19; Cl 1,16; 2,20; 4,4.6; Ef 4,13; 1Ts 1,10; cf. Hb 4,14 etc.) seu “próprio filho” (Rm 8,3.32), o “Filho de seu amor” (Cl 1,13), que pertence de direito ao mundo divino, de onde veio (1Cor 15,47), enviado por Deus (Rm 8,3; Gl 4,4). Se ele se revestiu de seu título de “Filho de Deus” de modo novo pela ressurreição (Rm 1,4+; cf. Hb 1,5; 5,5); não recebeu neste momento, pois ele é preexistente, não só de modo escriturístico (1Cor 10,4), mas ontológico (Fl 2,6; cf. 2Cor 8,9). Ele é a Sabedoria (1Cor 1,24.30), a Imagem (2Cor 4,4) pela qual tudo foi criado (Cl 1,15-17; cf. Hb 1,3; 1Cor 8,6) e pela qual tudo é recriado (Rm 8,29; cf. Cl 3,10; 1,18-20, porque reuniu em sua pessoa a plenitude da divindade e do mundo (Cl 2,9+). É nele que Deus concebeu todo o seu plano de salvação (Ef 1,3s), é o fim deste plano, do mesmo modo que o Pai (comp. com Rm 11,36; 1Cor 8,6; Cl 1,16.20. Se o Pai ressuscita os mortos e julga. Jesus também ressuscita (comp. com Rm 1,4+; 8,11+; Fl 3,21) e julga (comp. com Rm 2,16 e 1 Cor 4,5; Rm 14,10 e 2Cor 5,10). Numa palavra, ele é uma das três Pessoas que aparecem associadas nas fórmulas trinitárias (2Cor 13,13+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1981)

Sobre Rm 9,5 a tradução interfere muito na compreensão do texto. Mounce nos alude, em sua obra *Fundamentos do Grego Bíblico*, esclarecendo acerca da pontuação nos textos em grego recordando que nos códices mais antigos não existia pontuação ou ainda a conhecida divisão de versículos. Vejamos a citação de Mounce, em sua gramática.

[...] esse fato criou algumas dificuldades para os estudiosos contemporâneos, visto que o modo de um versículo ser pontuado pode ter efeito importante sobre a sua interpretação. Um dos exemplos notáveis disso é Romanos 9.5. Se uma pausa maior for feita depois da

κατὰ σάρκα (lit. “segundo a carne”), a parte final do versículo seria uma declaração a respeito de Deus Pai (A NEB traz: “Que Deus, supremo sobre todos, seja abençoado para sempre! Amém”). No entanto, em se fazendo uma pausa menor naquela posição, as palavras finais da frase fariam falar de Cristo. A NVI diz: “[...] de Cristo, que é Deus acima de tudo, bendito para sempre! Amém”¹ e conclui “O modo de a tradução lidar com um versículo ambíguo tal como esse revela as tendências teológicas do tradutor. (MOUNCE, 2009, p.17)

Com este esclarecimento que citamos com apoio a bibliografia anexa, percebemos então a manobra exegética em se criar o mito de que Jesus é Deus e ainda mais o embasamento para uma suposta trindade. Contudo, Prestemos mais atenção para a expressão ‘Deus bendito eternamente! Amém.’ dentro de seu contexto e percebamos que ela é uma glorificação que fecha um conjunto de textos inter-relacionados. Paulo poderia ter dito ‘Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos (Deus bendito eternamente), e a glória (Deus bendito eternamente), e as alianças, e a lei (Deus bendito eternamente), e o culto (Deus bendito eternamente), e as promessas (Deus bendito eternamente);’ Deus seria, e é bendito eternamente por todas essas coisas e pelas coisas do verso seguinte. Paulo mostra um conjunto de fatos onde Cristo, que veio segundo a carne, é um componente desse conjunto e listado na parte final. A expressão “segundo a carne” encerra a ideia dando sentido completo e pleno a frase em si mesma. O Apóstolo termina com uma Glorificação a Deus: “Deus bendito eternamente. Amém”. Expressão semelhante Paulo usou em 2 Co 11,31 “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito eternamente, ...”. Ou seja, o final não é dedução da frase anterior, mas uma louvação a Deus pelas coisas elencadas desde os versos antecedentes e o próprio “Amém” no final do versículo mostra se tratar de uma frase doxológica. Alonso Schökel, assim verte os versos: “São israelitas, adotados como filhos de Deus, têm sua presença, as alianças, as leis, o culto, as promessas, os patriarcas; de sua linhagem segunda a carne descende o Messias. Seja para sempre bendito o Deus que está acima de Tudo. Amém”.^[2]

Quando está afirmado que o verbo se fez carne, e o verbo era o Eterno (Jo 1,1), não se aplica afirmar que Jesus é Deus, mas que ele era a vontade do Eterno, não categoricamente sendo o Eterno, mas a sua expressão da vontade do Eterno. Quanto à afirmação de Tomé (Jo 20,28), não há base teológica para crer que Tomé acreditava que Jesus era Deus, o Eterno, pois se trata de uma expressão popular. Já sobre (Rm 9,5) percebemos que Paulo não alude a Jesus como Deus, mas como a expressão que Jesus nos dera, “vós sois deuses e podeis fazer muito mais do que eu”. Esta era a mensagem de Paulo e não a manobra exegética dos tradutores da bíblia católica em afirmar que ali se encontrava o mistério da trindade.^[2]

Hb 1,8: ao Filho, porém, diz: *O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; o cetro da retidão é o cetro de sua realeza.*^h E:

h) Var.: “tua realeza” (cf. Sl 45, LXX) (Bíblia de Jerusalém, p. 2085)

Acerca da passagem de Hb 1,8 a regra de fé do CACP condicionou os seus mantenedores e seu público a cogitarem que sempre que aparece a palavra “Deus”, esta se refira ao Eterno e por conseguinte o próprio Mestre Jesus. Isso gera uma série de problemas em torno das Escrituras para o CACP, colocando-o em dificuldades nas

diversas passagens que trazem o termo “deus” dentro da Bíblia. Vale ressaltar que nos originais da Bíblia, seja hebraico, aramaico ou grego não havia distinção capitular nos caracteres, ou seja, todas as letras eram escritas do mesmo tamanho, assim, a tradução para as nossas Bíblias da palavra elohim, por exemplo, por “Deus” ou “deus” ou ainda “deuses” vai depender da compreensão que o tradutor tem de determinada passagem.

O termo ‘elohim’ em hebraico significa ‘deus’ e aparece em torno de 2.570 vezes na primeira aliança que é na língua mãe, o hebraico, sendo que nada menos que umas 240 ocorrências não se referem ao Eterno, de modo que seus outros usos não podem ser considerados exceções. Existe ainda a tradução como deuses pagãos, com cerca de 19 ocorrências: A Báal, 5 vezes (Jz 6,31; 1 Rs 18,24-25,27; Jz 8,33); a Quemós (hebraico=Kemosh), 2 vezes (Jz 11,24; 1 Rs 11,33); a Milcom, 1 vez (1 Rs 11,33); a Dagom, 5 vezes (Jz 16,23-24; 1 Sm 5,7); a Baal Zebube (hebraico=Báal Zevuv), 4 vezes (2 Rs 1,2-3,6,16); a Nisroque (hebraico=Nisroh), 2 vezes (2 Rs 19,37; Is 37,38). ou ainda como o bezerro de ouro feito Arão (Ex 32,4). Observamos que o uso da palavra ‘elohim’ aplicada a elas, por si só, já descarta a reivindicação da existência implícita da trindade; perfazendo ainda uma pluralidade de pessoas na palavra, sendo que essas divindades não são uma trindade por serem chamadas de ‘elohim’. Ainda podemos citar o bezerro de ouro, como ‘elohim’ que não significava uma trindade pagã, já que tinham uma língua que poderia significar apropriada que poderia significar seus deuses. Como observamos, esta palavra tomada no singular não poderá ser vertida como deidades de uma suposta deidade, já que seu sentido poderá ser de ‘deuses’ e não pessoas.

Esta passagem que estamos analisando nada mais é do que a citação, tal como um midrash com referência a Sl 45,6-7 que assim está no Tanah. Vejamos:

Sl 45,6-7: Tuas afiadas setas penetrarão nos corações dos inimigos do rei. A teus pés se submeterão muito povos. Teu trono, estabelecido por Deus, é eterno, e retidão é o cetro da tua realeza. (TANAH, p. 635)

Este versos que acabamos de verificar (Sl 45,6-7), está relacionado ao trono de um rei, sendo ele David, enquanto o de (Hb 1,8) é referente ao filho, o seja ao próprio Mestre Jesus, não dando uma brecha sequer ao aludido de ser uma exposição da trindade, senão, porquando, um midrash estabelecido no texto de hebreus. Analisando o contexto histórico do Salmo 45,6-7, podemos perceber que se trata de um salmo dirigido a um monarca de israel, e que profeticamente aponta para Cristo através de um midrash apontado pelo escriba do livro de Hebreus, mas, perceba, o aponta como monarca, conforme o salmo, e não como o Deus Eterno. Esta comparação do CACP não há nenhum fundamento nem no Tanah e muito menos no novo testamento. Assim Hb 1,8, longe de atribuir deidade a Cristo, o reconhece, nos moldes Bíblicos, como Governante, ou seja, o Messias que como rei regeria o seu povo.

Não há duplo sentido a passagem de Hb 1,8, apenas refletimos que é feito um midrash por parte do autor da epístola aos hebreus que é basicamente contar uma história já existente em alguma fonte, com o objetivo de alçar um comparativo com um fato atual e dar-lhe uma interpretação dos fatos sobre o tema que se discursa. Isso é bem claro no texto e os leitores poderão atestar isso, já que até mesmo Jesus faz uso deste recurso judaico, tal como o sinal de Jonas, simbolizando sua crucificação e ressurreição, bem como Paulo e Mateus são hábeis em seus registros. Este é um

grande problema para o Cristianismo, querer ver o judaísmo com o entendimento romano e seu paganismo clássico.

Vamos perceber que o texto se retrata única, e exclusivamente aos hebreus, e eles não eram adeptos da trindade e muito menos o registro do livro dos salmos o possuía, pois denotava que um rei era exaltado, e o escriba de hebreus o faz em seu midrash, um novo rei que surgia e este reinado era para sempre, eternamente. Qual era o reinado que estava iniciando naquela oportunidade? O reinado do messias, o do Cristo. É somente isso que o texto de Hebreus, em sua abertura pode oferecer. Já a trindade, cremos que na visão hebraica não há brecha para uma deidade do HaMashiach (Messias) e nem mesmo a trindade.

Mesmo assim, o CACP insiste em denotar uma suposta deidade ao messias quando começa a discursar sobre todo o primeiro capítulo de hebreus. Nos primeiros dois versos (Hb 1,1-2), nem será necessário uma análise do grego, pois um herdeiro é quem herda aquilo que foi criado, conquistado e até mesmo trabalhado por sua paternidade, dando por herança a outrem. Neste sentido, o Eterno é o criador da terra e por conseguinte, o messias seu herdeiro. Em diversas obras espíritas e também nas escrituras, sabemos que Jesus era perfeito antes mesmo da fundação da Terra, ao qual presidia. **Neste ínterim, por meio de Jesus, o mundo foi criado é muito diferente que por Jesus o mundo foi criado.** Não há duplo sentido. O sentido é este, Jesus é o filho herdeiro, o Eterno o pai criador que por meio de Jesus, veio a criar o mundo, o que é bem diferente de Jesus criar algo, sem a vontade do Eterno.

Já sobre o verso 3 (Hb 1,3), Jesus é a imagem do Eterno por ser a expressão da vontade do criador, não sendo o próprio criador. Ser a imagem, denota um sentido de que expressa a vontade do Pai. Jesus sempre se colocou abaixo do Eterno, não se usurpando vir de si mesmo e sempre colocando o Eterno acima de si mesmo. Outrossim, se Jesus sentou-se a destra do Eterno, perdeu grande oportunidade de sentar no trono do Eterno, já que na visão da deidade deveria estar no lugar do Pai. Caso haja ainda a insistência neste verso, poderíamos conjecturar que o suposto escriba trinitário perdeu grande chance de divulgar sua ideia em dizer que Jesus sentou a destra de Deus Pai e Espírito Santo.

Acerca dos versos 4, 5 e 6 (Hb 1,4-6), percebemos que o escriba dá a entender que se fala de Jesus, que afinal a abertura da epístola tende a exaltar ao HaMashiach. Há o midrash no verso oito, quando a Bíblia de Jerusalém nos chama à atenção da LXX (Septuaginta) e não de todo o capítulo um de hebreus. Portanto, a narrativa é de Jesus nestas passagens e não do Eterno, muito menos de David.

Vamos adiante e vemos o ponto chave desta epístola, nos versos 7 e 8 (Hb 1,7-8), que estamos comentando, onde apenas o tomo oitavo é que percebemos que é realizado um midrash, apontando para um rei judeu em salmos e um rei também judeu

em hebreus, sendo este Jesus, e não Deus. A Bíblia Tradução Ecumênica nos traz o seguinte esclarecimento: “*Deus, palavra que por vezes é aplicada a homens (cf. Ex. 4.16), parece aqui designar o rei. Segundo as versões, o v. 7 se dirige a Deus. Contudo, Hb. 1.8-9 o aplica ao Filho. Os modernos muitas vezes têm interpretado ‘teu trono é (o) de Deus’ (cf. I Cr. 29.23), ou então ‘teu trono é (como o de) Deus’.*” E a Bíblia de Jerusalém complementa: “*O grego traduz: ‘Teu trono, ó Deus...’, vindo no termo elohim um vocativo qualificando o rei; este título protocolar é de fato aplicado ao Messias (Is.9.5), assim como aos chefes e aos juízes (Ex. 22.6/ Sl. 82.6), a Moisés (Ex. 4.16/ 7.1) e à casa de Davi (Zc. 12.8).*” Este é um título protocolar aos monarcas, ao se assentarem no trono do Eterno, não sendo David um deus e nem muito menos Jesus. Basta conferirmos I Cr 29,23 onde arremata dizendo que Salomão sentou no trono do Eterno e nem mesmo por isso era um deus, mas um título protocolar entre juízes e reis de Israel.

I Cr 29,23: Assim Salomão se assentou no trono do Eterno como rei em lugar de seu pai David, e ele prosperou; e todo o Israel lhe prestou obediência. (TANAH, p. 840)

Como percebemos, até mesmo Salomão, filho de David, assentou-se no trono do Eterno, mas não temos aí uma suposta deidade nem de Salomão, nem de David nos salmos, muitos menos de Jesus em hebreus. Senão pela vontade dos que defendem a deidade de Jesus e a trindade.

Acerca do seu desfecho sobre os versos 9 ao 14 (Hb, 1,9-14), este se refere ao detentor do trono que é o Eterno, não se referindo a Jesus, mas àquele que tem os anjos como espíritos ministradores e executores da sua vontade. Dar a Jesus este título de poder, jamais foi o intendo do escriba de Hebreus, tal como percebemos na história deste povo que não tinha, senão um atributo a juízes e reis que assentavam no trono do Eterno, mas não se usurparam como os pagãos como deuses, não poderia Jesus também angariar um título que não se usurpou usar em vida e nem por aqueles que o seguiram divulgaram esta ideia. Permanece então a vontade de quem defende a trindade em denotar algo que, pelo menos em Hb 1,8, não oferece este entendimento. Passemos agora à próxima citação do CACP em atribuir e fundamentar a trindade. Vejamos:

At 5,3-4: Disse então Pedro: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para mentires ao Espírito Santo, retendo parte do preço do terreno? Porventura, mantendo-o não permaneceria teu e, vendido, não disporias do dinheiro à vontade? Por que, pois, concebeste em teu coração este projeto? Não foi a homens que mentiste, mas a Deus”. (Bíblia de Jerusalém, p. 1909)

As únicas passagens que passam a impressão de que Jesus é deus, são as passagens de Jo 1,1; Jo 20,28; Rm 9,5, que, inclusive nesta última há uma manobra da tradução católica, em nota, abonar o dogma da trindade, pois as demais destacam a Jesus como filho de Deus e não que ele se usurpasse ser o Eterno, pois certamente teria apedrejado ele até a morte, pois na Torá não permitia que os homens se declarassem deuses, mas Jesus deixou bem claro de que todos nós somos deuses, ao passo que podemos inclusive realizar coisas maiores do que o mestre Jesus, bem

como foi explanado por Léon Denis em sua obra *Cristianismo e Espiritismo* que citamos ao início de nosso texto (Jo 10,34) e nossas análises de cada passagem, não restando brecha gramatical e nem mesmo interpretativa dos textos para o suporte da trindade defendida pelo CACP.

Por diversas vezes notamos que Jesus se intitulara o filho do homem, filho de Deus, o messias, mas nunca que ele era o Eterno, pois sempre se colocou na pessoa de enviado e não de Criador de todas as coisas. Ademais, sempre se colocou abaixo do Eterno e não igual, ou ainda uma composição pagã de três deuses em um. Percebemos que a ideia da trindade não era comum aos primeiros cristãos, este termo trindade foi inculcado na Igreja por Teófilo de Antioquia, vejamos:

Teófilo de Antioquia (?-186). Teólogo, escritor cristão, apologista e Padre da Igreja que, segundo os dados que chegaram até aos dias de hoje, foi o sexto bispo de Antioquia, da Síria, reinando entre 169 e 182¹ ou 188.

[...]

Teófilo foi o primeiro autor cristão a ensinar explicitamente que os livros do Novo Testamento procedem de autores inspirados - à semelhança do que já era admitido a respeito dos do Antigo Testamento - afirmando que, assim, possuíam valor análogo às antigas Escrituras. **Doutrinariamente é de particular interesse a sua tentativa de exposição e explicação da doutrina trinitária:** foi, mesmo, o primeiro autor a apresentar a distinção na mesma Pessoa - que ao não ser, ainda hoje, entendida e aceite entre muitas denominações cristãs levam muitos a negar a plena divindade de Jesus Cristo - entre o "*Logos endiáthetos*" - na sua linguagem - isto é, o "*Logos*" imanente" ou "eterno" ("imanente", em linguagem teológica posterior), que está em e com Deus-Pai desde a eternidade, e o "*Logos proforikós*" - na sua linguagem - isto é, "*Logos*" "proferido" ou "emitido" ("económico", em linguagem teológica posterior) como matriz e instrumento da criação desde o começo dos tempos. Teófilo foi, ainda, o primeiro autor a usar a palavra "*Τριάς*" - "Trias" - para se referir à unidade na distinção das três pessoas divinas ^[3] (grifo nosso)



O dogma da trindade ocorre em praticamente muitas das crenças orientais e ocidentais, tal como no Egito antigo que tinha como deuses Hórus, Osíris e Isis, salvo exceções tais como no judaísmo que não herdou de nenhuma crença o dogma da trindade e que o cristianismo tentou inculcar na Torá e no Tanah esta ideia para dar fundamento a um dogma difícil de sustentar após pesquisarmos o âmago de sua base. Percebemos em nossa pesquisa que a primeira impressão de inculcar a ideia da deidade de Jesus foi estabelecida pelo imperador Constantino no concílio de Nicéia, em



325 d.C., que empurrou este conceito aos bispos, vindo ainda nos concílios posteriores a tentativa de se estabelecer a trindade que no judaísmo e nem mesmo no cristianismo apostolar se ventilava este dogma.

Thiago Toscano Ferrari
Janeiro / 2014

Referências bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém*, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, Editora, FEB, Rio de Janeiro: RJ, 1987.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Editora, FEB, Rio de Janeiro, RJ, 1987.
KARDEC, A. *Obras Póstumas*, Editora, PETIT, São Paulo, SP, 2004.
DENIS, L., *Cristianismo e Espiritismo*, Editora, FEB, Rio de Janeiro, RJ, 2007.
TORÁ, *A Lei de Moisés*, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.
TANAH, *Bíblia Hebraica*, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.
GINGRICH F. Wilbur, *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1993.
MOUNCE, William D. In *Fundamentos do Grego Bíblico*, Editora Vida, São Paulo, 2009

[1] Imagem adaptada em 27/09/13 às 11:00 -

http://4.bp.blogspot.com/_5o57MiUybgk/TFhyiZLQRwl/AAAAAAAAAI4/jhE09VyOkts/s320/0trimurti.jpg

[2] <http://www.unitarismobiblico.com/1/> - Consultada 14/01/14 às 15h.

[3] Wikipédia - http://pt.wikipedia.org/wiki/Te%C3%B3filo_de_Antioquia - Consultada 27/09/13 às 11:30.

[4] Imagem adaptada em 23/01/14 às 13:00 -

<http://ideeanunciai.files.wordpress.com/2011/02/santissima-trindade.jpg>

[5] Imagem adaptada em 23/01/14 às 13:00 -

<http://www.mentesbereanas.org/imagens/trin1.jpg>

Texto sugerido:

[“Trindade – o mistério criado por um leigo, anuído pelos teólogos”.](#)